

ÉTICA EM “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”: CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA E DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO E NA GESTÃO EMPRESARIAL

Roberta Gamborgi Vallim Lehmann¹

Antoninho Caron²

RESUMO

Conceituar ética pode ser difícil e abstrato, mas com uma situação que ilustre o tema é possível entender sua importância. Por este motivo escolheu-se o romance *Ensaio sobre a Cegueira* do escritor José Saramago, e a partir dele feitas reflexões sobre ética e cegueira moral e qual a importância do assunto para o desenvolvimento do plano estratégico das Organizações e Empresas. O principal objetivo da pesquisa é analisar as contribuições da filosofia e ética e das reflexões sobre cegueira moral para o pensar e agir estratégico das organizações e empresas. O trabalho está organizado em cinco partes analisando: Ética e Responsabilidade Social e as contribuições da Filosofia; *Ensaio Sobre a Cegueira* e as contribuições da Literatura; Ética na Educação; Ética nas Empresas e Considerações Finais. A metodologia utilizada na pesquisa foi revisão bibliográfica e documental, revisando textos filosóficos e relacionando com o romance escolhido. Os resultados obtidos demonstram que a filosofia perdeu espaço no mundo moderno, sendo assim a educação nas escolas e empresas pode contribuir para ampliar as discussões sobre cegueira moral e ética, a escola assumindo a responsabilidade de incluir no seu plano a educação humana e não apenas técnica e as empresas a partir de discussões sobre o tema e exemplo dos líderes. Usar um romance para tratar de ética possibilita trazer os conceitos para a prática e proporciona uma reflexão mais tangível ao leitor, cabe as escolas e empresas incentivar sua leitura. Para futuras pesquisas pode se pensar sobre quais estratégias podem ser adotadas pelas empresas para ter um comportamento ético e gerar lucro.

Palavras-chave: Cegueira. Moral. Ética. Filosofia. Educação.

¹ Aluna do 4º período do curso de Letras Português/Inglês da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à iniciação Científica (PAIC 2018-2019). *E-mail*: rogamborgi@yahoo.com.br

² Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Programa de Mestrado Interdisciplinar em Organizações e Desenvolvimento da FAE Centro Universitário. Professor do curso de Administração da FAE Centro Universitário. *E-mail*: acaron@brturbo.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende identificar e analisar os cuidados com a Ética e a Responsabilidade Social na escolha das estratégias empresariais que garantam processos de crescimento, sobrevivência e lucro para a empresa, atuando em mercados acirrados, competindo com todos e em toda parte.

Encontrar reflexões filosóficas na literatura através da obra *Ensaio Sobre a Cegueira* do escritor José Saramago que possam contribuir com o plano empresarial no que se refere a valores Éticos e de Responsabilidade Social.

Os valores Éticos e de Responsabilidade Social são questionados em muitos negócios e reafirmados e validados em outros. Como se comportam e agem as empresas e os empresários? Como esses empresários podem interferir no comportamento individual de cada trabalhador para que ele se responsabilize individualmente por seu próprio ato?

O principal objetivo da pesquisa é analisar as contribuições da filosofia e ética e das reflexões sobre cegueira moral para o pensar e agir estratégico das organizações e empresas. Para isso procura-se encontrar reflexões filosóficas na literatura, em especial no romance *Ensaio sobre a cegueira*, pensar sobre a cegueira moral, refletir em como a educação pode contribuir no comportamento ético.

Como a empresa pode contribuir com a educação? Qual a importância do pensamento filosófico e da literatura para a gestão empresarial? Como as reflexões sobre ética e cegueira moral contribuem para o desenvolvimento do Plano Estratégico das Organizações e Empresas?

A metodologia utilizada na pesquisa foi revisão bibliográfica e documental procurando relacionar conceitos de ética e moral em textos filosóficos com a literatura no romance *Ensaio sobre a cegueira* e com conceitos de estratégia e educação. A coleta de dados foi em livros, artigos e entrevistas com o escritor José Saramago.

1 ÉTICA E RESPONSABILIDADE SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA

No século XVII, as discussões filosóficas e científicas eram sobre a compreensão racional da realidade, a partir deste momento era esperado que o poder da ciência fosse útil para a geração de tecnologia e com isso dominar e explorar a natureza a serviço da humanidade. Com a Revolução Industrial no séc. XVIII a ciência e a técnica evoluíram de forma independente.

O racionalismo econômico desde os séculos XVI e XVII começou a dominar o Ocidente como parte do modo de racionalização burguesa da vida que aí se instalou. De um modo geral eram racionais todas as modalidades de ética prática orientadas de maneira sistemática para objetivos precisos de salvação religiosa (WEBER, 2016, p. 54).

Nas primeiras décadas do século XX aparecem relações entre ética e ciência, o domínio tecnológico adquiriu um valor econômico expressivo e tornou-se fator de sobrevivência das empresas. O uso dos celulares passou a conectar todos os seres humanos em uma comunicação global, com isso sobrevive à empresa que incorpora a inovação nos seus processos e produtos tecnológicos.

O desenvolvimento da ciência faz com que aumente o risco a que a humanidade está exposta e provoca efeitos colaterais ao homem e a natureza. Provocando uma transformação radical no mundo atual, ao mesmo tempo causando uma crescente melhoria nas condições de vida e uma preocupante degradação dessas condições.

O capitalismo moderno ocidental foi influenciado pelo desenvolvimento das possibilidades técnicas, sua racionalidade depende do cálculo de seus fatores técnicos mais importantes. Esse racionalismo é determinado pela capacidade e pela disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional (WEBER, 2009, p.12 e 14).

A partir disso o mundo está exposto a um paradoxo ético – científico: de um lado o constante crescimento tecnológico e científico e de outro o aumento do risco de destruição da humanidade e do planeta causado pela constante exploração da natureza movida pelo desejo de lucro capitalista.

As empresas, escolas e cada indivíduo precisam questionar sobre a ética no uso da ciência e da técnica, há de se estabelecer uma normatização ética universal sobre o desenvolvimento da ciência e uso da tecnologia, tendo em vista a sustentabilidade do futuro da humanidade e da natureza.

A ética refere-se a padrões de conduta e julgamento moral, ou seja, à questão de saber se as decisões e comportamentos estão certos ou errados (WRIGHT, KROLL, PARNELL, 2000, p. 120).

A ética é a definição do ser do homem tal como ele é, por que o homem é tal como é. Espinosa recupera o sentido grego de *ethos*: modo ou maneira de ser. Para o autor aqueles que não conseguirem alcançar a verdadeira liberdade devem pelo menos aceitar as imposições da moral e da religião para poderem conviver e sobreviver. Para Espinosa, portanto ética nada tem a ver com moralidade (ESPINOSA, 1991, XIV Vida e Obra).

A moral é um conjunto de normas que uma sociedade se encarrega de transmitir de geração a geração, enquanto a ética é a ciência que estuda a bondade ou maldade nos atos humanos. É o fato real que se dá na mentalidade de algumas pessoas, é um

conjunto de normas, princípios e razões que um sujeito compreendeu e estabeleceu como diretriz da sua conduta (CLAVO, 2008, p. 120).

Portanto a ética está relacionada à como cada indivíduo age num específico contexto de relações sociais, munido de referências significativas que lhe permita não só realizar ações como também atribuir sentido a elas.

O homem moderno deixou de lado questões decisivas para a humanidade, se afastou das ciências humanas, excluiu questões acerca da presença ou ausência do sentido de toda a existência humana. A perda de valor do mundo cultural e dos saberes e com isso a degradação da própria ação que isolada dos significados da cultura, decaiu para o patamar das motivações biológicas e econômicas elementares.

A filosofia perdeu espaço no mundo atual e com isso se deu o afastamento de questões vinculadas à existência humana e a possibilidade de inserção de questionamentos éticos. Sem estes questionamentos não se atribui sentido as próprias ações, o indivíduo age a partir do que é dado em um estado de cegueira moral.

As ciências humanas, a filosofia e as artes são fundamentais para que cada indivíduo desenvolva um olhar sobre si mesmo e tenha capacidade de questionar o que está acontecendo em sua volta.

Todo o conhecimento a respeito das artes e da ciência tem o poder de despertar o melhor elemento da alma e fazê-lo ascender à contemplação do que é melhor entre as coisas que são, tal como o órgão mais claro do corpo foi conduzido à contemplação daquilo que é o mais resplandecente na região corpórea e visível. É ter acesso ao próprio ser de cada coisa (PLATÃO, 2015, p. 57).

Tanto a filosofia quanto a ciência possuem relação com a verdade, a ciência estuda os objetos, e a filosofia é a base e a possibilidade de aprofundamento. A técnica não é a mesma coisa que a essência da técnica, para a construção da imagem do mundo moderno é preciso assegurar-se, estruturar-se e expressar-se como visão de mundo. A relação entre o homem e a técnica responsabiliza o homem (KÖCHE, VEIGA, 2014, p. 522 e 525).

É preciso pensar em causa e efeito, na responsabilidade dos acontecimentos presentes em relação ao futuro para que sejam compatíveis com a permanência da vida humana sobre a Terra. O domínio da técnica em relação ao homem, fenômeno cada vez mais crescente, torna-se um problema ético a ser enfrentado.

A ética deve ser direcionada ao princípio de responsabilidade e honestidade científica. Pois apesar dos grandes avanços da ciência, a fome e a miséria atingem grande faixa da população mundial, que vive excluída das condições mínimas de vida digna. Os benefícios da inovação tecnológica podem ser estendidos a todos se a ética

for pensada a partir de um princípio de solidariedade e sustentabilidade (KÖCHE, VEIGA, 2014, p. 528).

A tecnologia pode estar a serviço da humanidade e do próprio homem, com compromissos e responsabilidades sociais. A filosofia pode contribuir trazendo à tona discussões sobre que tipos de vida são melhores que outras, sobre o que traz benefício e danos e sobre o progresso moral coletivo.

As éticas tradicionais não trabalham com a teorização do agir humano em um horizonte de tempo longo, são éticas de curto prazo e do “aqui e agora”, sendo assim insuficientes. A época atual mostra que se vive entre muitos meios de interferência em relação ao futuro, é preciso pensar na necessidade de permitir a existência humana.

O risco das novas gerações é de fomentar uma mentalidade altamente técnica, capaz de resolver de modo cada vez mais eficiente problemas localizados, mas insensível a problemática humana, social, ambiental e ética (CENCI, DALBOSCO, 2014, p. 472).

A educação técnica procura treinar o educando a fim de torná-lo útil na prática para objetivos administrativos, por exemplo, no funcionamento de uma repartição pública, de um escritório, de uma oficina, de um exército disciplinado. Isto é possível, em princípio, com qualquer pessoa, em diferente medida (WEBER, 2016, p. 218).

Mas para sensibilizar, resgatar o afeto e fazer com que o indivíduo enxergue e questione aquilo que está diante dos seus olhos, que pense, reflita e se for preciso transforme a realidade, que domine a técnica, mas vá além dela e aja eticamente e consciente do resultado das suas ações, é preciso que conheça a si mesmo.

O domínio de si proporciona a capacidade de pensar por conta própria, e desenvolve a liberdade. Conhecer a si mesmo é fundamental para que o homem possa guiar-se por sua vontade, orientar-se na vida a partir de forças interiores e não apenas por mera tradição ou convenção.

Adam Smith defendia que cada indivíduo buscasse seus próprios interesses econômicos e assim a sociedade como um todo seria beneficiada. É ético tomar conta de si próprio (WRIGHT, KROLL, PARNELL, 2000, p. 120).

Segundo Nietzsche, é possível pensar que o ser humano nunca se envolve de fato com as coisas, pois permanece necessariamente estranho a si mesmo, não se compreende e sempre se confunde (NIETZSCHE, 2017, p. 24).

Desde Aristóteles é entendido que o homem age em busca da felicidade, porém boa parte de suas ações seguem padrões morais. A ética envolve mais do que os padrões morais, ou seja, aquilo que somos obrigados a fazer, ela envolve aquilo que é bom ser (WILLIGES, 2014, p. 175).

Sendo assim é fundamental o conhecimento de si mesmo, viabilizado pelas ciências humanas, a ética não deve apenas responder questões ligadas à boa conduta, mas deve ajudar a compreender como o homem pode ser melhor, desenvolvendo elementos como a visão e a consciência das próprias ações.

Faz parte do caráter de cada indivíduo o dever, a consciência sobre cada ato individual não pode ser derivada de algum conteúdo material formal. De nada adianta as empresas terem uma série de regras e normas éticas se não investirem no desenvolvimento das pessoas, a educação humana, a filosofia, as artes e a cultura são fundamentais para o entendimento daquilo que é bom ser.

2 ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA

Segundo Saramago, Ensaio sobre a Cegueira é uma situação de perda total, porém os seres humanos têm a possibilidade de fazer outras coisas e sair da situação em que se encontram (SARAMAGO, 2006, entrevista Ana Dias).

No início quando o homem rouba o carro do primeiro cego, o narrador conta que ele obedeceu a sentimentos como generosidade e altruísmo, que são características do gênero humano. E se o cego tivesse aceitado esses sentimentos e deixado o ladrão esperar com ele sua mulher chegar em casa, talvez o efeito da responsabilidade moral tivessem inibido o ladrão de roubar o automóvel (SARAMAGO, 1995, p. 26).

Os olhos podem se confundir de dois modos e devido a duas causas: quando saem da luz para ingressar na escuridão e quando emergem da escuridão para ingressar na luz, o mesmo se aplica a alma (PLATÃO, 2015, p. 17). Diderot afirma que o cego não teria a mesma moral que aqueles que têm o pleno uso da visão (DIDEROT, 2006, p.11).

Sobre a moral: “Se o homem é produto das circunstancias, então é preciso humanizar as circunstâncias” (KARK MARX, in Miséria da Filosofia, 1847). Saramago cita essa frase de Marx em entrevista e depois explica: “Preocupa-me o indivíduo, em uma situação catastrófica, coletiva, há uma relação com todos os outros, a relação humana é a relação mais profunda. A nossa tarefa é procurar, procurar, procurar, e nunca encontrar” (SARAMAGO, 1998 Entrevista programa Roda Viva).

A consciência moral, (...) é coisa que existe e existiu sempre, não foi uma invenção dos filósofos do Quaternário, quando a alma mal passava ainda de um projecto confuso. (...) como se tanto fosse pouco, fizemos dos olhos uma espécie de espelhos virados para dentro, como resultado, muitas vezes, de mostrarem eles sem reserva o que estávamos tratando de negar com a boca. (...) o remorso causado por um mal feito se confunde frequentemente com medos ancestrais de todo tipo, (SARAMAGO, 1995, p. 26)

Na narrativa pode-se observar que a principal razão para que o cérebro se feche é o medo, em todos os relatos, momentos antes de cegar, as personagens sentiram medo. O medo, em sua última instância é sempre o medo da morte, da aniquilação como humano Saramago nesta em outras obras propõe ao leitor a reflexão sobre a morte, e sobre o medo da morte.

agora compreendia o medo (...) Há mil razões para que o cérebro humano se feche, só estendeu as mãos até tocar o vidro, sabia que a sua imagem estava ali a olhá-lo, a imagem via-o a ele, ele não via a imagem (SARAMAGO, 1995, p. 38)
O medo cega, (...) já éramos cegos no momento em que cegámos (SARAMAGO, 1995, p. 131)

É desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade (...) Como está, senhor doutor, é o que dizemos quando não queremos dar parte de fraco, dissemos, Bem, e estávamos a morrer, a isto chama o vulgo fazer das tripas coração, fenômeno de conversão visceral que só na espécie humana tem sido observado (...) A morte também não se pega, e apesar disso todos morremos, (SARAMAGO, 1995, p. 41)

Perante a morte, o que se espera da natureza é que percam os rancores a força e o veneno (SARAMAGO, 1995, p. 86)

Não é por acaso que a proposta da obra é que os cegos sejam aos poucos levados a um manicômio que estava vazio, é para mostrar que a falta de humanidade, de olhar, o medo de conhecer a si mesmo e ao outro, leva a loucura, a cegueira e a morte. Obrigados a viver juntos, cada personagem seriam forçada a conhecer os outros, e a conhecer a si mesmo, a olhar internamente, a voltar-se ao autoconhecimento.

A alma foi conduzida à cegueira e ao aniquilamento por outros modos de vista, um instrumento cuja preservação é mais importante do que a de dez mil olhos, uma vez que é somente com ele que a verdade pode ser vista (PLATÃO, 2015, p. 44).

Sobre a questão dos nomes – quem sou eu, se não sei quem sou– os personagens não têm nome, de propósito (SARAMAGO, 2003, Entrevista programa Roda Viva).

tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos lembrámos sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para quê, para que iriam servir-nos os nomes, nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar, nós aqui somos como uma outra raça de cães, os nomes, que importa os nomes, (SARAMAGO, 1995, p. 64-65).

Sou polícia, (...) Não disse como se chama, também saberá que aqui não tem importância (SARAMAGO, 1995, p. 66).

Como se chama, Os cegos não precisam de nome, eu sou esta voz que tenho, o resto não é importante (SARAMAGO, 1995, p. 275).

Cheio de medo o ser humano não reflete, não questiona, apenas obedece a normas, ordens. Em alguns momentos da obra pode-se observar que o autor traz referência a moral do rebanho de Nietzsche, que é um conceito da filosofia que afirma a existência de um comportamento puramente submisso e irrefletido sobre os valores dominantes da civilização: “eram cegos, trazidos em rebanho” (SARAMAGO, 1995, p. 72).

Na moral do rebanho o que move o homem é o hábito, o costume. Esse tipo de comportamento é muitas vezes aceito por nós e praticado sem serem refletidos. É recebido de fora para dentro, como algo dado, são conteúdos incorporados a rotina e que se tornam travas ao desenvolvimento pessoal e coletivo (MELO, 2018).

A moralização faz com que o ser humano aprenda a sentir vergonha de todos os seus instintos (NIETZSCHE, 2017, p. 103). Sentindo vergonha dos seus instintos, o ser humano os nega, e negando exclui uma parte de si mesmo que deveria ser conhecida para ser controlada.

Sem o conhecimento de si, o ser humano precisa ser domado, o que em geral ocorre através da punição. Com a punição é alcançada a multiplicação do medo, o aguçamento da esperteza e a dominação dos desejos, mas o ser humano não se torna melhor. Todos os doentes, todos os enfermos lutam instintivamente por uma organização em rebanho, onde existem rebanhos, foi o instinto de fraqueza que os quis, que os organizou (NIETZSCHE, 2017, p. 129 e 215).

Saramago afirma que a maior cegueira do século XXI é não sabermos aonde nos levam e não temos curiosidade em saber (SARAMAGO, 2003, Entrevista programa Roda Viva).

A relação de causalidade é outro assunto abordado, causa e consequência, temas comumente esquecidos pela sociedade que pensa apenas em si mesma, e não enxerga nada, nem a si, nem aos outros.

se antes de cada acto nosso nos puséssemos a prever todas as consequências dele, a pensar nelas a sério, primeiro as imediatas, depois as prováveis, depois as possíveis, depois as imagináveis, não chegaríamos sequer a mover-nos de onde o primeiro pensamento nos tivesse feito parar (SARAMAGO, 1995, p. 84).

a célebre relação de causa e efeito, não é, pelo menos de um ponto de vista quantitativo, sempre de fiar (SARAMAGO, 1995, p. 159).

No decorrer da narrativa, conforme a cegueira vai aumentando, o sentido de humanidade cada vez mais é reduzido.

Se não nos organizarmos a sério, mandarão a fome e o medo, (...) Vamos endoidecer de horror, (...) Há muitas maneiras de tornar-se animal, pensou, esta é só a primeira delas (SARAMAGO, 1995, p. 97)

O autor para construir o cenário dos cegos vivendo juntos dentro do manicômio toma como base o mito da caverna de Platão, que fala sobre prisioneiros que vivem em cavernas e passam todo o tempo olhando para a parede do fundo que é iluminada pela luz de uma fogueira. Nesta parede são projetadas sombras de estátuas representando pessoas, animais, plantas, objetos, mostrando cenas do dia a dia.

É como se todos estivessem em uma caverna, acorrentados: “A ameaça não venceu o temor, só o empurrou para as últimas cavernas da mente” (SARAMAGO, 1995, p. 104). Apenas quando se consegue sair da caverna que é possível conhecer a realidade.

Saramago propõe uma saída: “Tenho que saber o que está por detrás da superfície da estátua, que também somos, tenho que ir um pouco mais longe, um pouco mais a fundo” (SARAMAGO, 2003, Entrevista programa Roda Viva).

O ser humano tem uma inclinação tão violenta a supervalorizar suas qualidades e a diminuir seus defeitos, que pareceria quase que cabe ao homem escrever o tratado da força e ao animal o da razão (DIDEROT, 2006, p. 21). Sem a visão, com gradativa perda da humanidade, os cegos se movem pelo olfato, em busca de comida e sexo, retornando assim a barbárie vivida na época das cavernas.

Se não somos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos de tudo para não viver inteiramente como animais (SARAMAGO, 1995, p. 119).

Estes cegos, se não lhes acudimos, não tardarão a transformar-se em animais, pior ainda, em animais cegos (SARAMAGO, 1995, p. 134).

furor erótico de vinte machos desenfreados que, pela urgência, pareciam estar cegos de cio” (SARAMAGO, 1995, p. 165).

Parece que toda a humanidade possível desaparecesse no auge da narrativa, que não há limite para o mal, as pessoas vão perdendo todo o sentido da vida cada vez que fazem uma nova concessão. No momento em que passam a trocar sexo por comida, um dos cegos reflete: “Cada qual procede segundo a moral que tem” (SARAMAGO, 1995, p. 167).

Quando os cegos saem do manicômio, percebem que o mundo inteiro está cego, e a partir disso iniciam uma nova jornada, começam a retornar a si, a resgatar seus afetos perdidos, a consciência de seus corpos, vão se dando conta que o medo tomou conta e o mundo parece o mundo dos mortos.

Neste momento o autor apresenta ao leitor o personagem cão das lágrimas, que segundo ele próprio é o que representa o amor: O cão representa mais que a compaixão, representa o amor, a não diferença entre as pessoas, entre a dor e a alegria, entre dor e tristeza.

O cão vai buscar alguém que o cuide, mas ao mesmo tempo em que a pessoa irá cuidar dele ele cuida da pessoa, e consola a mulher da dor e da tristeza. “Se todos

meus personagens tivessem que ser esquecidos, menos uma, eu escolheria o cão das lágrimas” (SARAMAGO, 2006, entrevista Ana Dias).

A mulher do médico, aquela que não perde a visão, em algum momento vai ao mercado, e ela está completamente devastada, com a lama, o lixo, ela é a que nasceu para ver o horror, o momento em que a mulher do médico cai cansada no chão e chora, com angústia, pois devido às circunstâncias ela tem que cuidar de seis pessoas, ela vê o cão, ela está perdida em dor e amargura (SARAMAGO, 2006, entrevista Ana Dias).

deixou-se cair no chão sujíssimo, empapado de lama negra, e, vazia de forças, de todas as forças, desatou a chorar. Os cães, (...) um deles lambe-lhe a cara, talvez desde pequeno tenha sido habituado a enxugar prantos. A mulher toca-lhe na cabeça, passa-lhe a mão pelo ombro encharcado, e o resto das lágrimas chora-as abraçada a ele (SARAMAGO, 1995, p. 226).
o cão que tinha bebido as lágrimas acompanhou quem as chorava, (...) o cão das lágrimas (SARAMAGO, 1995, p. 227).

A mulher narra para os outros cegos como está o mundo, explica que não há muita diferença entre o fora e o dentro, fazendo uma reflexão sobre aspectos da dualidade característica intrínseca aos seres humanos. Os cegos percebem que estão cegos de sentimentos, que estão cheios de dor e angústia, reduzidos a animais. Sem futuro e sem presente. Desceram todos os graus da dignidade, todos iguais perante o bem e o mal, o certo e o errado “a rapariga dos óculos escuros disse, Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos” (SARAMAGO, 1995, p. 262).

A saída proposta pelo autor para a cegueira é através do conhecimento de si mesmo, que é possível através da palavra. É por meio dela que o pensamento e o sentimento podem ser elaborados, nos capítulos finais do livro a mulher do médico, a única que não cega, inicia uma rotina de leitura para os cegos.

As palavras são assim, disfarçam muito, vão se juntando umas com as outras, parece que não sabem aonde querem ir, e de repente, por causa de duas ou três, ou quatro que de repente saem, simples em si mesmas, um pronome pessoal, um advérbio, um verbo, um adjectivo, e aí temos a comoção a subir irresistível à superfície da pele e dos olhos, a estalar a compostura dos sentimentos, às vezes são os nervos que não podem agüentar mais, suportam muito, suportam tudo (SARAMAGO, 1995, p. 267).

A partir do retorno ao uso das palavras eles, aos poucos vão voltando a si, a se afetar uns pelos outros, a se amar, e em seguida voltam a enxergar. Diderot afirma que a escassez das palavras produz o mesmo efeito nos estrangeiros a quem a língua não lhes é familiar; são forçados a dizer tudo com uma quantidade reduzida de termos (DIDEROT, 2006, p. 40).

Ver, tornar-se antes de tudo “ver algo”, exige do olhar um contrassenso e um absurdo. Quanto mais afetos se expressam sobre uma coisa, quanto mais olhares,

diversos olhares forem direcionados para a mesma coisa mais completo será o conceito sobre essa coisa, a objetividade (NIETZSCHE, 2017, p. 189).

É preciso ler a última fase com muita atenção, ela não está ali só por estar, quando a mulher julga que vai cegar e depois percebe que não, a cidade ainda estava ali, é como se a cidade estivesse a perguntar se aquelas pessoas que haviam passado por todo aquele horror, se eles haviam aprendido a lição (SARAMAGO, 2006, entrevista Ana Dias):

Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem.

A mulher do médico levantou-se e foi à janela, Olhou para baixo, para a rua coberta de lixo, para as pessoas que gritavam e cantavam. Depois levantou a cabeça para o céu e viu-o todo branco, Chegou a minha vez, pensou. O medo súbito fê-la baixar os olhos. A cidade ainda ali estava (SARAMAGO, 1995, p.310).

Pode-se concluir que a saída proposta pelo autor para a cegueira é através do conhecimento de si mesmo, e um dos caminhos para isso é através da palavra. É por meio dela que o pensamento e o sentimento podem ser elaborados, nos capítulos finais do livro a mulher do médico, a única que não cega, inicia uma rotina de leitura para os cegos, de diversos livros.

A partir disso eles aos poucos vão voltando a si, a se afetar uns pelos outros, e em seguida voltam a enxergar. Por meio do afeto, procura-se impedir mais danos ou entorpecer, por meio de uma emoção mais intensa qualquer, uma dor, para isso é preciso o afeto, o afeto mais selvagem possível. “Alguém precisa ter culpa por eu me sentir tão mal” (NIETZSCHE, 2017, p. 201).

Saramago sempre foi um grande defensor do uso das palavras, ele dizia que através dela aos poucos os seres humanos foram capazes de exprimir sentimentos, emoções.

O que significa dizer que quanto mais palavras conhecemos, mais somos capazes de dizer o que pensamos e o que sentimos. (...) E cada vez temos menos palavras, cada vez usamos menos as palavras. Quer dizer, no tempo em que nós vivíamos nas cavernas e não conhecíamos nem os verbos nem os substantivos, mas fazíamos óinc, óinc, e com isso nos entendíamos (...) Parece que estamos num processo de involução, a voltar às cavernas, (...) (SARAMAGO, 1989).

É necessário assumir o ato não como um fato contemplado ou teoricamente pensado do exterior, mas assumir no interior, na sua responsabilidade, sendo assim, pode-se dizer que o ato na sua integridade é mais que racional, é que aquele que toma consciência de si mesmo e se realiza de maneira responsável. O ser humano nunca sai de si mesmo, e percebe apenas seu próprio pensamento.

3 ÉTICA NA EDUCAÇÃO

A educação pode contribuir com o desenvolvimento de atitudes éticas e responsáveis visto que pode ser um processo de cultivo de si mesmo na forma de domínio de si, pois sem essa noção não há como pensar em ética, visto que a ética está relacionada à maneira de ser de cada indivíduo.

O “si mesmo” do homem se manifesta nas formas de atuação escolhidas, e, portanto, o “si mesmo” do homem bom se manifestará em escolhas boas, enquanto do homem mau, em más escolhas. As ações e escolhas boas dependem de disposições ou hábitos morais adequados, isto é, dependem da posse das virtudes éticas correspondentes (CLAVO, 2008, p. 229).

Cada pessoa ocupa um lugar singular, cada existir é único, cada um precisa ter um dever particular em relação ao todo, seja o que for e em que condição seja dada, é preciso agir de um lugar único, mesmo que apenas interiormente.

Segundo Bakhtin, viver a partir de si mesmo de seu próprio lugar singular, não significa viver para si, por conta própria, mas sim de seu próprio lugar único no qual é possível o reconhecimento da impossibilidade da não-indiferença pelo outro (BAKHTIN, 2017, p. 22).

A ética é individual, é uma questão entre o indivíduo e sua própria consciência, porém a identidade individual é coletiva, pois se vive em sociedade, sendo assim a filosofia de vida só pode ser uma filosofia moral. E como amplamente apresentado por Saramago no romance *Ensaio sobre a cegueira*: “Cada um sabe a moral que têm” (SARAMAGO, 1995, p. 167).

A base dos estudos sobre ética de Aristóteles (384-322 a.C.) explica que os homens tendem a buscar o prazer e evitar o sofrimento, na ideia do cultivo de si como domínio de si. Com isso o indivíduo deve aprender a administrar desde cedo o prazer e o sofrimento (CENCI, DALBOSCO, 2014, p. 473).

A escola pode contribuir para que o indivíduo aprenda a administrar seus sentimentos, não os negando, mas reconhecendo e se sensibilizando por eles. O homem é por essência um ser social, a virtude é um objeto da ética, enquanto a moralidade é o da filosofia prática.

O exercício de bons hábitos é fator decisivo na formação de um sujeito de caráter virtuoso, precisa ser cultivado. É mediante a prática de boas ações que o sujeito consegue se relacionar com outras pessoas e aprende a orientar seu desejo (domínio de si).

Ética e educação dizem respeito à ação humana e educar pessoas implica em moral. O aprimoramento do ser humano está relacionado a princípios e valores, orientados pela referência normativa do vir a ser (CENCI, DALBOSCO, 2014, p. 470). A escola pode influenciar na superação da moralidade, ensinar o aluno a pensar sobre a relação entre as tarefas impostas e sua posição no mundo, e a partir disso que ele possa descobrir sua vocação.

A educação não é o que alguns indivíduos proclamam inserir conhecimento em almas que dele carecem é como inserir visão em olhos cegos. O poder do aprendizado está presente em todos e o instrumento do aprendizado de cada um é como um olho que não é capaz de ser girado da escuridão para a luz sem que se gire o corpo inteiro (PLATÃO, 2015, p. 18).

É sair da caverna de Platão, e através da razão e entendimento acessar a realidade inteligível, ficando o papel dos sentidos com a simples lembrança das ideias conhecidas em ocasiões anteriores.

Para sair da caverna de Platão, ou do manicômio do Saramago o indivíduo deveria adotar a atitude ética crítica, no sentido de tentar desenvolver procedimentos de investigação que possam apontar possíveis erros. Ter honestidade em relação a sua conduta e adotar critérios metodológicos para a aceitação ou rejeição de teorias, e a escola é a responsável por mostrar essa possibilidade ao aluno.

Sendo assim, as escolas podem e devem provocar uma reflexão sobre temas relativos à ética e cidadania do indivíduo, estimular com isso uma postura menos dogmática e mais flexível. O professor é o mediador que tem a responsabilidade de indicar a natureza da liberdade e a natureza da prisão, para que o aluno possa começar a ver que ele mesmo se prendeu. Ele então a partir de si vai enxergar que está em meio à liberdade, mas construindo a prisão todos os dias.

Como no romance *Ensaio sobre a Cegueira*, em que os personagens começam a ouvir histórias lidas pela mulher do médico e a partir disso vão voltando a si e recuperam a visão, a escola pode ser a mulher do médico na vida dos alunos, através da literatura, da filosofia, das ciências humanas e das artes resgatar seus afetos, sensibilizá-los, fazer com que olhem para si e para os outros.

4 ÉTICA NAS EMPRESAS

Empresa e filosofia são categorias que só se relacionam nos textos dos grandes economistas clássicos, na realidade cotidiana os empresários não costumam seguir conselhos de livros que não sejam de contas. Economia e ética se distanciaram gravemente, gerando uma das principais deficiências da teoria econômica contemporânea. A ética empresarial é uma exigência da pessoa, qualquer que seja o seu trabalho.

A responsabilidade social refere-se à expectativa de que as empresas ajam de acordo com os interesses públicos. A sociedade espera que as empresas ajudem a preservar o meio ambiente, vendam produtos seguros, tratem seus funcionários com igualdade e sejam verdadeiras com seus clientes (WRIGHT, KROLL, PARNELL, 2000, p. 117).

E empresa faz parte da sociedade, suas ações têm desdobramentos tanto sociais quanto econômicos. Em alguns casos se espera que possam contribuir para a educação e as artes e ajudem a revitalizar áreas urbanas onde há concentração de favelas (WRIGHT, KROLL, PARNELL, 2000, p. 117).

As empresas que não contribuem com a educação serão prejudicadas nos seus recrutamentos e enfrentarão um declínio na qualidade do seu trabalho. Idealmente, portanto, empresas socialmente responsáveis são aquelas que conseguem operar lucrativamente e ao mesmo tempo beneficiar a sociedade (WRIGHT, KROLL, PARNELL, 2000, p. 118).

A ética envolve o conceito de interesse próprio em um sentido mais amplo, administradores que se preocupam com o bem-estar de seus funcionários se beneficiam, pois tem pessoas comprometidas em seus times, enquanto os egoístas não são capazes de garantir a cooperação das pessoas.

Os funcionários são capazes de perceber quando estão sendo usados para o ganho individual da empresa, quando não fazem parte e são vistos como meros recursos. A vida voltada apenas para o ganho financeiro é uma vida imposta, e evidentemente a riqueza não é o que se busca, é apenas um meio útil no interesse de outras coisas.

A economia pode tornar-se mais produtiva se der uma atenção maior às considerações éticas que moldam o comportamento e o juízo humano. Se a empresa contribuir com a vida do funcionário e ensiná-lo que há coisas que embora possam ser feitas (no sentido de possibilidade), não devem ser feitas, ela terá um time mais engajado com suas estratégias. A liberdade é o que movimenta a capacidade ética de escolha do indivíduo, porém não é ilimitada.

É evidente que a ética está diretamente relacionada ao sucesso ou fracasso das organizações. Existir é uma responsabilidade moral, e as ditas normas éticas são geralmente regras sociais. Aquele que pensa teoricamente contempla esteticamente e age eticamente.

Ética é aquilo que atesta que “nesta casa não se faz isso”, no sentido de que aqui não se faz o que não deve ser feito. Não por acaso, a noção de moral está ligada a ideia de morada (CORTELLA, 2019, p. 26).

Um empresário que inclui no seu plano estratégico a ética deixa claro para seus funcionários o que deve ser feito na sua empresa. Ele tem a capacidade de se saber limitado e reconhecer que precisa dos demais, percebe a ética como uma fronteira e não uma barreira.

Alguém com visão filosófica pensa antes de agir, analisa a essência de sua empresa, o que e como vende e o que querem seus clientes, qual é a sua identidade empresarial e quais devem ser seus objetivos. O que o empresário sabe e faz na sua empresa é consequência da sua essência como ser humano (CLAVO, 2008, p. 23).

A verdade é o princípio que deveria presidir todo o ato mercantil, ser o centro de todas as leis e normas morais, pois quem o esquece experiencia a maior perda de

capital, a da confiança. E a confiança é tanto dos clientes, quanto dos funcionários, se qualquer um deles se sentir traído o fracasso será a consequência para a empresa.

Nos dias de hoje não está claro na cultura corporativa qual é o valor exato da verdade e as pessoas são usadas como objetos, na maioria das empresas são chamadas de recursos humanos. É como se os sujeitos não fossem pessoas, e sim recursos, com todas as implicações éticas disso. A ética é um sinalizador dos valores de uma organização.

No início do romance *Ensaio sobre a Cegueira*, quando o homem rouba o carro do primeiro cego, se existisse a confiança e o compromisso com a verdade, talvez o efeito da responsabilidade moral tivessem inibido o ladrão de roubar o automóvel. E assim é nas empresas, com frequência o homem se engana primeiro, antes de enganar os outros levados pela insegurança e pela desconfiança na sua capacidade de ser aceito pelos outros.

Aquele que conhece a si mesmo, que não engana a si mesmo não tem a necessidade de enganar os outros. Segundo Nietzsche: “O que me aniquila não é que você tenha mentido para mim, mas que a partir de agora não possa mais acreditar em você” (CLAVO, 2008, p. 44).

A coerência entre discurso e prática é determinante para a credibilidade de uma instituição, que é marcada pela autenticidade quando coincide com ela mesma. O mesmo se aplica as pessoas. Se o indivíduo é autêntico, não faz algo apenas porque mandaram ou por ser uma representação externa. Faz porque tem convicção de que é certo (CORTELLA, 2019, p. 30).

Ter ética empresarial significa atuar num ambiente que não só procura o respeito e a dignidade de seus empregados (pessoas, e não recursos), mas também se apresenta diante da sociedade de maneira honrada, verdadeira e honesta, idealmente na procura do bem social (CLAVO, 2008, p. 123).

A comunicação precisa ser clara, tanto consigo mesmo (autoconhecimento) quanto com os demais integrantes da organização, a comunicação da organização consigo mesma, questionando seus conhecimentos prévios para ensinar e apoiar seus integrantes (CLAVO, 2008, p. 83).

Tanto na empresa, nos negócios, como em qualquer outra situação da vida, as relações regem o mundo. A ética é um valor intrínseco a toda atividade econômica e empresarial, em qualquer atividade inclui o ser humano. É a arte de aperfeiçoar a convivência humana, em sua concretude trabalhista, é o melhor caminho para focalizar as relações de trabalho, especialmente as que se estabelecem entre ele e o capital (CLAVO, 2008, p. 71).

A substituição da confiança pelo controle desmotiva. O medo paralisa, fecha a mente a novas oportunidades, impede o comprometimento, converte as pessoas em robôs, ele pode ser tanto individual quanto organizacional (CLAVO, 2008, p. 82).

O medo cega e a cegueira faz com que o indivíduo não questione para onde está indo, não reflita sobre a consequência de suas ações, como foi abordado no capítulo sobre o romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, a consequência é catastrófica.

O comportamento ético é um estilo de vida, uma forma de relação com as coisas e entre as pessoas. Trata-se de se comportar de maneira com que os cargos e as instituições se vejam impregnadas de ações éticas e honradas, e que estejam na norma e não na exceção.

Em uma organização, a ética tem dois movimentos fortes: a pressão externa e a convicção interna. A liderança precisa estar atenta para assegurar que os princípios de conduta sejam seguidos e alertar que haverá responsabilização caso não sejam, faz parte da sua tarefa assegurar a integridade dos negócios e das pessoas. Um ambiente eticamente saudável tende a ser mais colaborativo, as pessoas ficam menos desconfiadas e empenham melhor sua energia. A ética alimenta a colaboração (CORTELLA, 2019, p. 38).

O líder tem o papel da mulher do médico do romance, é responsável por orientar seus funcionários, por mostrar os caminhos possíveis, por ver, enxergar e reparar, por ensinar e através da reflexão, da palavra, do questionamento, da sensibilização e do afeto, fazer com que cada um enxergue a si mesmo e seja responsável individualmente por seus atos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ética é um estado interior que pode levar a felicidade e satisfação, e o único método para tornar isso possível é o diálogo. Nos dias atuais parece que nenhuma ética mais é possível, a humanidade se concentra nas diferenças e não naquilo que une.

Com o fim do diálogo, a solução prevista é a cegueira do romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, a moral, a que está relacionada ao medo, a ausência de afetos e a falta de conhecimento de si mesmo. Os choques das massas que não enxergam, não escutam, não conhecem a si e nem aos outros e não estão dispostas a conhecer, uma situação real de perda total.

Um dos grandes problemas nos dias de hoje é que grande número de líderes estão presos na caverna de Platão, ocupados em tomar sombras por realidades, não conseguem ver a verdadeira luz para encontrar a saída. No longo prazo, não há como escapar à verdade, à justiça e à liberdade.

Em última instância cada um é responsável por seu caráter, já que este resulta das próprias escolhas. A ética é inata e as pessoas não podem viver sem valores internos. Será preciso resgatar o afeto para sair da cegueira, as escolas e as empresas terão que incluir nos seus planos o cultivo do conhecimento de si mesmo.

As escolas devem ensinar princípios de não violência, e da resolução pacífica de conflitos, podem falar sobre valores como bondade, amorosidade, compaixão, eliminação do ódio, do preconceito e da intolerância, cultivar valores internos com base ética, de modo que eles se adaptem a ciência, sem negligenciar as necessidades mais profundas do espírito humano.

As empresas e os empresários podem interferir no comportamento individual de cada trabalhador incluindo no seu plano estratégico a colaboração com as escolas, se responsabilizando em conjunto com a educação, participando ativamente, liderando pelo exemplo e não apenas esperando por indivíduos prontos, e através de uma lista de exigências técnicas terem a ilusão de que vão encontrar gente com valores internos suficientes para enxergar nos dias de hoje.

O pensamento filosófico e a literatura são fundamentais para a gestão empresarial, um indivíduo que lê o romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, por exemplo, e se vê trabalhando em uma empresa como o manicômio do Saramago, tem a responsabilidade moral de agir como a mulher do médico e questionar, resgatar os afetos e humanizar as relações.

A filosofia e a literatura fazem com que o indivíduo se reconheça, se sensibilize, questione, pense e se afete. As reflexões sobre ética e cegueira moral contribuem para o desenvolvimento do Plano Estratégico, pois é preciso que as empresas e organizações tenham um plano efetivo para fazerem com que seus funcionários conheçam a si mesmo e ajam eticamente, saibam com clareza o que é bom ser, reflitam a todo o momento sobre o resultado de suas ações.

Usar um romance para ilustrar o tema ética contribui para que ele fique mais tangível, saia dos conceitos teóricos que muitas vezes não estão ao alcance da grande maioria da população. Incentivar a leitura é uma das responsabilidades das escolas e empresas.

Depois de analisar as contribuições da filosofia e ética e das reflexões sobre cegueira moral para o pensar e agir estratégico das organizações e empresas conclui-se que é a partir delas que os indivíduos terão a chance de questionar a sua existência e refletir sobre seu papel na humanidade, a partir do conhecimento de si e do afeto farão mais do que existir.

Para trabalhos futuros propõe-se pesquisar quais estratégias devem ser adotadas para que a empresa tenha uma atitude ética perante o mercado e ainda assim gere lucro. Que seja demonstrado que não é preciso abrir mão do resultado para ser verdadeiro, e que ao contrário quanto mais à empresa for ética, responsável e verdadeira com seus funcionários e clientes, mais terá lucro.

REFERÊNCIAS

- BAKHITIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- CERTO, S. **Administração Estratégica**. Rio de Janeiro: Makron Books, 2000.
- CLAVO, L. C. **Aristóteles para Executivos**. São Paulo: Globo, 2008.
- CORTELLA, M. S. **Pensar e agir**. São Paulo: Pensar e Agir, 2019.
- DIDEROT. **Carta sobre os cegos endereçada àqueles que enxergam**. São Paulo: Escala, 2006.
- DROSDEK, A. **Filosofia para executivos: a sabedoria de grandes filósofos aplicadas ao dia a dia empresarial**. Campinas: Verus, 2009.
- DUNKER, C. et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.
- ENTREVISTA concedida por José Saramago a Ana Sousa Dias. Si, 2017. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=4OjpbODwM8k>>. Acesso em: 27 abr. 2018.
- ENTREVISTA concedida ao Segundo Caderno de Porto Alegre, em 1989. Transcrição de vídeo para Exposição sobre Saramago no Farol Santander em São Paulo, visita em 31 de mar de 2018.
- ENTREVISTA programa Roda Viva. Porto Alegre, 1998. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wt8qVW2xlzU>>. Acesso em: 27 abr. 2018.
- ENTREVISTA programa Roda Viva. 2003. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k36uq02_fVY>. Acesso em: 27 abr. 2018.
- ESPINOSA, B. de. **Pensamentos metafísicos: tratado da correção do intelecto, ética**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- GALVÃO, J. M. **Filosofia nas empresas**. São Paulo: Paulus, 2014.
- MADSBJERG, C. **A filosofia nos negócios: como as ciências humanas podem resolver os problemas mais complexos da gestão**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.
- NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral**. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- PLATÃO. **O mito da caverna**. São Paulo: Edipro, 2015.
- SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SEM, A. **Sobre ética e economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- VIAPIANA, T. **Ética, economia e negócios in manual de ética: questões de ética e teoria aplicada**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: BNDES, 2014.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.
- _____. **Ética econômica das religiões mundiais**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- WRIGT, P. **Administração Estratégica**. São Paulo: Atlas, 2000.